

Introdução: A Tuberculose (TB) Extrapulmonar tem sinais e sintomas dependentes dos órgãos e/ou sistemas acometidos. As principais formas diagnosticadas no Brasil são pleural, ganglionar periférica, meningoencefálica, miliar, laríngea, pericárdica, óssea, renal, ocular e peritoneal. Sua ocorrência aumenta em pessoas que vivem com HIV/aids (PVHA), especialmente entre aqueles com imunocomprometimento grave.

Objetivo: Descrever o perfil sociodemográfico, clínico-epidemiológico dos casos de tuberculose extrapulmonar em adultos de municípios de grande porte do estado do Paraná (PR).

Método: Estudo epidemiológico com dados obtidos do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN), do período de 2018 a 2023, fornecidos pela Secretaria de Saúde do PR. Foram analisados todos os casos pertencentes aos 11 municípios de grande porte do estado. Considera-se grande porte municípios com população acima de 100 mil habitantes. CAAE: 38855820.6.0000.5231.

Resultados: A partir da distribuição temporal foi possível identificar uma tendência decrescente dos casos, com percentual de 22,5% em 2021 a 5,3% em 2023. Foram registrados 8327 casos de TB, dentre estes, 11,5% foram TB extrapulmonar. Houve predominância de casos no sexo masculino 76,7%, 69,1% cor branca, 82,0% com idade entre 19 a 59 anos, com média de idade de 43,4 anos, 41,0% com 10 anos ou mais de estudo e 92,8% residentes em zona urbana. Quanto ao perfil epidemiológico, 82,4% eram casos novos, 10,3% transferência, 4,2% recidiva, 2,3% reingresso de abandono, 0,7% pós óbitos, 0,1% não referido, 40,3% forma clínica pleural, 14,4% ganglionar periférica, 9,8% miliar, 8,7% meningoencefálica, 20,0% eram Pessoas Vivendo com HIV/Aids (PVHA), 19,5% tabagistas e 13,4% etilistas. De acordo com o critério diagnóstico, 49,6% tiveram raio-x suspeito, 24,5% tiveram histopatológico sugestivo para TB e 8,1% BAAR positivo. No encerramento dos casos, 50,3% evoluíram para cura, 5,7% abandono e 3,2% vieram a óbito por TB.

Conclusão: O estudo revelou declínio dos casos de 2018 para 2023, predomínio do sexo masculino, cor branca, com 10 anos ou mais de escolaridade, residentes em áreas urbanas, casos novos, na forma pleural, presença de fatores associados como o tabaco, álcool e coinfeção por HIV. 49,6% tiveram raio-x suspeito e 50,3% evoluíram a cura.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104059>

EP-137 - ANÁLISE DE UMA SÉRIE HISTÓRICA DE MENINGITES EM UM HOSPITAL TERCIÁRIO NO PARANÁ

Victória Davanço,
Danielle Ruiz Miyazawa Ferreira,
Tatiane Selister Barbosa,
Natalia Carolina Rodrigues Colom,
Herliene de Oliveira Mota,
Luiza Rita Pachemshy,
Jaqueline Dario Capobiango

Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná (HURNP), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil

Introdução: Durante a pandemia de Covid-19, outras doenças de transmissão respiratória podem ter sido afetadas.

Objetivo: Descrever as características de meningites em adultos, em um hospital universitário do Paraná, no decorrer da pandemia.

Método: Estudo transversal, os dados foram obtidos do Sistema de Informações de Agravos e Notificação, de janeiro 2019 a dezembro de 2023. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética, parecer no 4.374.235.

Resultados: Foram notificados 1.986 casos de meningite, destes 655 foram confirmados, 374 (57%) com idade de 18 anos ou mais. Destes, 71% de 18 a 59 anos, 60% do sexo masculino, 80% cor branca. Quanto aos agravos associados, 36% (n = 104) foram Pessoas Vivendo com HIV/Aids (PVHA), 15% hipertensão arterial sistêmica, 8% diabetes mellitus, 11% com traumatismo craniano e 5% com infecções hospitalares. Em 2019, ocorreu um predomínio de meningite por outras bactérias (*Acinetobacter* spp., *Klebsiella* spp. e *Enterococcus* spp.) (n = 29), seguido de meningite asséptica (n = 18). No ano de 2020, foram 20 casos de meningite por outras bactérias e 13 assépticas. Em 2021, predominou meningite viral (n = 31) e por outras bactérias (n = 28). Em 2022, 57 meningites virais e 39 por outras bactérias. Em 2023, 77 meningites por outras bactérias e 38 meningites virais, além de 4 casos de meningite pneumocócica. Entre as 12 PVHA no ano de 2019, a etiologia predominante foi *Cryptococcus* spp. (n = 4), seguida por *Treponema pallidum* (n = 2). No ano de 2020, 11 casos, a maioria tuberculosa (n = 4), seguido de 2 casos de meningite por *Cryptococcus* spp. e 2 casos por *Toxoplasma gondii*. Em 2021, 25 casos, 11 meningites virais, 7 meningites por *Cryptococcus* spp. e 6 por tuberculose. Em 2022, 30 casos, 9 virais e 10 por *Cryptococcus* spp. No ano de 2023, 26 casos, com 6 virais, 6 por *Cryptococcus* spp. e 8 por outras bactérias não identificadas. A mediana do tempo de internação foi de 93 dias, 72% evoluíram com alta hospitalar, 19% foram a óbito por outras causas, 8% óbito por meningite e apenas 1 paciente continua internado.

Conclusão: Em 2020, houve uma diminuição nos casos de meningite, possivelmente relacionada às medidas de isolamento no início da pandemia. Em 2021 começou a aumentar as meningites virais, mas a partir de 2022, ocorreu um aumento significativo no número de casos, associado ao fim do estado de emergência da Covid-19. Destacamos ainda que PVHA foram as mais acometidas por meningites virais e por *Cryptococcus* spp. nesse período.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.104060>

EP-138 - EPIDEMIA DE DENGUE EM SÃO PAULO

Julia Simeí, Beatriz Avanci, Aline Miotto,
Renata Fonseca Inácio,
Lisiane Maria Teixeira Bezerra

Centro Universitário São Camilo, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Ao longo dos últimos cinco anos, o Brasil tem sido acometido por epidemias. Nesse sentido, é possível notar uma maior incidência dos casos da dengue em regiões menos